



EXPANSÃO DE *Sclerotinia sclerotiorum* EM ÁREAS DE SOJA

Nadiel Augusto Kist¹, Luís Fernando Bulegon¹, Jennifer Aline Bühring¹, Daniele Marchesan Gazolla¹,
Yuri Wagner Pereira¹, Juliane Nicolodi Camera²

Resumo: A soja (*Glycine max* L.) caracteriza-se como a cultura anual de verão de maior importância no cenário agrícola brasileiro. Segundo a CONAB (Companhia Nacional de Abastecimento, 2019), a área semeada na safra 18/19 foi de aproximadamente 35,875 milhões de hectares, com produção estimada em 115,072 milhões de toneladas. No entanto, tal produção poderia ser acrescida na ausência de determinadas doenças, haja vista que possuem a capacidade de reduzir a produtividade da lavoura em até 60%. Dentre as doenças ocorrentes na cultura da soja, o mofo-branco (*Sclerotinia sclerotiorum*) encontra-se em constante avanço na ocorrência e distribuição territorial. Baixas temperaturas e alta umidade propiciam condições favoráveis de desenvolvimento, no entanto, sua progressiva adaptação acarreta a expansão da doença, ocorrendo também em regiões de maior temperatura, principalmente em áreas de irrigação. Tal organismo possui uma ampla gama de hospedeiros, dentre eles, a soja, o nabo e a canola, esta característica permite a presença do fungo na lavoura em cultivos de inverno, verão e cobertura, dificultando ainda mais o seu controle. Além disso, o patógeno produz estruturas de resistência chamadas escleródios, que podem permanecer no solo por mais de dez anos aguardando condições favoráveis para emergir. Na cultura da soja, o patógeno pode atacar na fase de germinação, crescimento vegetativo e florescimento, provocando a redução da produtividade consequentemente. Esta infecção se dá geralmente pela ação da chuva, onde as gotas de água “respingam” os esporos presentes nos apotécios em direção à planta, iniciando a colonização. Para reduzir as chances de os esporos alcançarem o vegetal, é recomendável a utilização de uma boa cobertura de palhada, que dificulta a emergência do escleródio e reduz a quantidade de apotécios produzindo esporos, além disso, o espaçamento entre linhas também auxilia na redução da viabilidade dos escleródios e ocorrência da doença. Após colonizado, o fungo produz micélios brancos, característica esta que dá a ele, o nome da doença. Desta forma, a manutenção da sanidade da lavoura deve abranger o sistema, não apenas a cultura agrícola implantada, haja vista que, esta doença uma vez instalada, possui difícil erradicação. Visto isso, a busca por estratégias de manejo desta doença é um fator decisivo para a redução de sua expansão, desta forma, é notório que o manejo integrado é uma das alternativas de controle de maior eficiência, promovendo a rotação de culturas, uso de sementes certificadas, manutenção de palhada, utilização do controle biológico e químico. Ao ressaltar a cobertura de palhada, vale destacar que esta deve ser com materiais que não possam servir ao patógeno como hospedeiro, tendo em vista a redução de escleródios na lavoura. Caso contrário, o número de estruturas de resistência aumentará, sendo necessária a eliminação dos restos culturais. Além de erradicar o fungo da lavoura, deve-se ter o cuidado com a semente da cultivar a ser implantada, pois o patógeno pode estar infectado na semente. Outra forma de controle que compõem o manejo integrado é a utilização de agentes biológicos como *Trichoderma* spp., *Clonostachys rosea* e *Coniothyrium minitans*, que atacam as estruturas de resistência presentes no solo, inviabilizando as mesmas. O conjunto destas estratégias de manejo propiciam ao produtor rural, o melhor domínio e controle da doença na lavoura.

Palavras-chave: Mofo-branco. Adaptação. Manejo Integrado. Controle.

¹ Discentes do curso de Agronomia, da Universidade de Cruz Alta - Unicruz, Cruz Alta, Brasil. E-mail: nadiel.kist@gmail.com, luisfernandobulegon@hotmail.com, jennifer.buhring@yahoo.com.br, dani.gazolla@hotmail.com, yuriwagner@hotmail.com

² Pesquisadora do Grupo Produção Agrícola Sustentável, Docente da Universidade de Cruz Alta - Unicruz, Cruz Alta, Brasil. E-mail: jcamera@unicruz.edu.br